

A **Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva (FIMS)** foi instituída pela Universidade do Porto a partir do legado testamentário da Arquitecta Maria José Marques da Silva e visa a promoção científica, cultural, formativa e artística, designadamente a classificação, preservação, conservação, investigação, estudo e divulgação de todo o património literário, artístico e arquitectónico do arquitecto José Marques da Silva e dos arquitectos Maria José Marques da Silva Martins e David Moreira da Silva.

Em 2011, o acolhimento do arquivo e biblioteca do arquitecto Fernando Távora veio ampliar a expressão e o sentido do legado original, seguindo-se novas e continuadas incorporações de acervos pertencentes a arquitectos como José Carlos Loureiro, Alcino Soutinho, João Queiroz, Manuel Teles, Octávio Lixa Filgueiras, Alfredo Matos Ferreira, José Porto, Raúl Hestnes Ferreira ou, mais recentemente, Fernando Lanhas e Bartolomeu Costa Cabral.

Este amplo e cada vez mais abrangente corpus documental encontra-se sediado na Casa-Atelier José Marques da Silva que, juntamente com o Palacete Lopes Martins, forma uma unidade construída com qualidades singulares na Praça Marquês do Pombal, no Porto, e que se afirma pela sua importância para o conhecimento e caracterização da intervenção arquitectónica desenvolvida em Portugal entre finais do século XIX e a primeira década do século XXI.

Fundação Instituto Arquitecto
José Marques da Silva
Praça do Marquês do Pombal, 30/44
4000-390, Porto, Portugal
Tel: 225 518 557
fims@reit.up.pt
fims.up.pt



CONFERÊNCIA

MARQUES DA SILVA 2019



MALA VOADORA: HAMLET (2014)
FOTO: JOSÉ CARLOS DUARTE

modos de não fazer nada

Conferencista

JOSÉ CAPELA

31 OUTUBRO 18H30

AUDITÓRIO FERNANDO TÁVORA
FACULDADE DE ARQUITECTURA DA U. PORTO

modos de não fazer nada

Não gostava de cenografia quando comecei, sem o ter planeado, a fazer cenografia. Não apreciava a recorrente oposição entre a arquitetura das salas de teatro e a arquitetura daquilo que se instala no palco, e preferia as salas aos cenários. Comecei por adotar estratégias de apropriação dos próprios espaços de representação – estratégias às quais se poderá chamar, recorrendo ao vocabulário das artes visuais, *site-specific*. Usar ou sublinhar aquilo que já lá está. Essa possibilidade de apropriação de “coisas não feitas por mim” estendeu-se a outros aspetos da cenografia, designadamente remetendo decisões para o âmbito de trabalho de outros. Coloco-me frequentemente nesse lugar apenas de veiculação, em que decido mas não faço. Um dos capítulos do meu doutoramento chama-se assim: *modos de não fazer nada*. E é sobre modalidades de não-ação, sobre possibilidades de optar calculadamente por não fazer, que proponho falar.

José Capela, arquiteto (FAUP, 1995), doutorou-se com a dissertação *Operar conceptualmente na arte. Operar conceptualmente na arquitetura*. É docente na Universidade do Minho desde 2000, onde leciona nos cursos de arquitetura e de teatro, e é investigador do Lab2PT. Comissariou, com Cláudia Taborde, a conferência internacional *Arquitetura [in] Jout[Política]* para a Trienal de Arquitetura de Lisboa 2010, é autor do capítulo “Uma garrafa de Coca-Cola e duas estufas: política interna nas artes e na arquitetura” do livro *Estética e Política entre as Artes* (Edições 70) e tem publicado em múltiplas revistas de arquitetura e de artes performativas. É cofundador (2003) e codiretor artístico da mala voadora, com Jorge Andrade, e responsável pela cenografia dos espetáculos. Publicou o catálogo de cenografia *Modos de não fazer nada* em 2013, foi presidente da Associação Portuguesa de Cenografia entre 2016 e 2018 e é autor da instalação *Windows* com a qual Portugal foi representado na Quadrienal de Praga 2019 e do respetivo catálogo *W : JC + JCD*. Nos últimos anos, colaborou ainda com a Companhia Nacional de Bailado, o Teatro Nacional São Carlos e a Casa-Museu Guerra Junqueiro, desenhou a exposição permanente do novo Museu do Vinho do Porto, e acaba de fazer uma cenografia-instalação para os espaços públicos do reinaugurado Teatro do Bairro Alto. Foi nomeado para o Prémio Autores relativo a “melhor trabalho cenográfico” em 2012 e 2017, e recebeu o prémio em 2016 por *Pirandello* da mala voadora.